

# A GEOGRAFIA CULTURAL NO BRASIL

Roberto Lobato Corrêa  
Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro  
ppgg@acd.ufrj.br

Zeny Rosendahl  
Professora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro  
rosendahl@engenharia.org.br

## Resumo

A partir do início da década de 1990 a geografia cultural passa por um processo de expansão que praticamente a levou de um quase absoluto desconhecimento a um nível de aceitação e prática significativas, ainda que minoritário. Em 2003 a comunidade de geógrafos culturais conta com periódico e uma série de livros publicados. Este texto procura descrever o caminho da geografia cultural no Brasil.

## Abstract

Since early 1990's, the cultural geography has undergone an expanding process that has practically carried it from completely unknown to a level of low but significant acceptance and practice. In 2003 cultural geographer community has a journal and a series of published books. This text has sought to describe the way cultural geography has followed in Brazil.

**Palavras-chave:** Geografia Cultural, Brazil

**Key Words:** Cultural Geography, Brazil



## Negligência e gênese da Geografia Cultural

A geografia brasileira de cunho acadêmico nasce em 1934 com a criação do departamento de geografia (e história) na Universidade de São Paulo. Em 1936 aparece na cidade do Rio de Janeiro o segundo curso, na atual Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente há mais de 150 cursos de geografia, dos quais 25 oferecem cursos em nível de mestrado. Rapidamente o número de cursos oferecendo o nível de doutorado aumenta, ultrapassando meia dezena.

A despeito do elevado número de cursos de geografia, a grande maioria dedicados quase que exclusivamente à formação de professores do ensino secundário, e a despeito da heterogeneidade cultural do Brasil, a geografia cultural foi, até ao final da década de 1980, negligenciada, mesmo desconhecida pelos geógrafos brasileiros. Aspectos da cultura, no entanto, eram tratados nos estudos regionais, mas não eram priorizados nem se tinha a consciência de que a cultura, em suas múltiplas manifestações, poderia ser tema central nas pesquisas.

A escola francesa de geografia, a mais importante matriz da geografia brasileira, priorizava os estudos regionais e a cultura se constituía em mais um elemento da complexa combinação de elementos que forneciam a identidade regional. A geografia saueriana, a despeito dos esforços do geógrafo brasileiro Hilgard Sternberg, professor no Rio de Janeiro até meados da década de 1960, depois transferindo-se para Berkeley, não repercutiu no país. Durante as décadas de 1970 e 1980 a geografia brasileira dividia-se em três linhas, de acordo com a tradição francesa, segundo a visão teórico-quantitativa e de acordo, após 1980, com a perspectiva crítica, calcada no materialismo histórico e dialético.

A heterogeneidade cultural do Brasil, assim como o seu dinamismo, e a escala dos praticantes da geografia (os congressos de geografia reúnem 2000-3000 pessoas), assim como as inúmeras redes estabelecidas com geógrafos europeus e norte-americanos, contribuíram para que fosse despertado o

interesse pela dimensão cultural do espaço. Afinal, parafraseando Denis Cosgrove, a cultura está em toda parte, manifestando-se no espaço e no tempo, especialmente se este espaço for amplo, diversificado e mutável, como é o Brasil.

A geografia cultural está implantada no Brasil. Como tal entende-se aquelas geografias de matriz saueriana, influenciada pela denominada nova geografia cultural e pelo “*approche culturelle*” de Claval. A sua implantação gerou polêmicas pois, afinal, o que é visto como novo pode desafiar o establishment geográfico. No entanto, os adeptos da geografia cultural brasileira são, por definição, adeptos de uma heterotopia geográfica, sem a ascendência de nenhum grupo.

### **A expansão da Geografia Cultural: o NEPEC**

Em 1993 foi criado no Departamento de Geografia da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) o NEPEC (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura). Criado e coordenado por Zeny Rosendahl, trata-se de um pequeno porém ativo centro de produção e difusão no Brasil da geografia cultural. Suas pesquisas direcionar-se-iam em três direções: relações entre espaço e religião, espaço e simbolismo e cultura popular. A ênfase, contudo, fixou-se na primeira das três temáticas.

Em 1995 foi lançado pelo NEPEC o periódico Espaço e Cultura, com dois números por ano e que deveria ser o instrumento de divulgação da produção do NEPEC e de outros geógrafos. Em seu Conselho Consultivo fazem parte, entre outros, Marvin Mikesell, Denis Cosgrove, Paul Claval, representantes, respectivamente, da perspectiva saueriana, da denominada nova geografia cultural e da visão francesa em geografia cultural. O teólogo Leonardo Boff (Teologia da Libertação) também é membro desse Conselho. Ao final de 2003 quinze números foram publicados.

Em 1996 aparece a série de livros intitulada Geografia Cultural, que tem uma difusão mais ampla do que o periódico. Trabalhos completos de um geógrafo brasileiro e coletâneas de importantes textos publicados originalmente em outra língua que a portuguesa e textos procedentes de simpósios organizados pelo NEPEC são publicados na coleção que já possui dez livros publicados.

Três simpósios de âmbito nacional foram realizados, em 1998, 2000 e 2002, cada um 16-20 “papers” e participação de 120-200 pessoas, estudantes, pesquisadores e professores universitários.

Em 2003, dez anos de existência, o NEPEC lança outra publicação, NEPEC TEXTOS, de produção artesanal e destinada à divulgação de suas próprias pesquisas, as quais estão fortemente focalizadas nas relações entre espaço e religião.

Mas é preciso ressaltar a existência de outros focos autônomos, nos quais a geografia cultural constituiu-se em prática por parte de alguns geógrafos. São universidades públicas que têm um programa de pós-graduação em geografia, entre elas as de Goiânia, Fortaleza, Uberlândia e outras universidades na cidade do Rio de Janeiro. A produção desses focos é significativa e serão comentados mais adiante os livros de Almeida e Ratts, Haesbaert e Monteiro.

A expansão da geografia cultural no Brasil levou a que em 2003 a International Geographical Union (IGU) organizasse, por intermédio do Working Group of Cultural Approach in Geography, presidido por Paul Claval, uma Conferência Regional sobre a Dimensão Histórica da Cultura. Realizado na cidade do Rio de Janeiro reuniu cerca de 100 “papers”, dos quais 60 de brasileiros.

### **As traduções como estratégia de difusão**

Os organizadores do periódico Espaço e Cultura e da série de livros intitulada de Geografia Cultural têm tido como uma de suas preocupações contribuir para estabelecer uma sólida base teórica na geografia cultural brasileira. O “cultural turn” que no Brasil ocorreu, ainda que de modo restrito, a partir do início

da década de 1990, poderia correr o risco de uma apropriação superficial e efêmera, transformando-se em moda a ser substituída em breve por outra. A apropriação superficial e efêmera já ocorrera na geografia brasileira, primeiramente com a denominada geografia teórico-quantitativa por volta de 1970 e, em segundo lugar, com a geografia radical, de matriz marxista, por volta de 1980. Com a geografia humanista a difusão e adoção foi mais efêmera e limitada ainda e os seus poucos adeptos foram incorporados à geografia cultural na década de 1990. A tradução para a língua portuguesa de textos clássicos, que representam posições teóricas nitidamente identificáveis, e de debates no âmbito da geografia cultural, foi uma solução encontrada. Solução condizente com as necessidades e vicissitudes da geografia brasileira.

Entre os inúmeros textos traduzidos e publicados citam-se os de Carl Sauer (1998, 2000 a, 2000 b), incluindo o clássico *The Morphology of Landscape*, de 1925. A geografia cultural da Escola de Berkeley está ainda representada com a introdução de *Readings in Cultural Geography*, de Wagner e Mikesell (2000). A denominada nova geografia cultural, por sua vez, está presente com textos referentes às críticas à Escola de Berkeley, como os de Duncan (2002) e Cosgrove (1997). Cosgrove e Jackson (2000), Cosgrove (1998, 2000) e Duncan (2000) apresentam os aspectos fundamentais da geografia cultural renovada. Meinig (2002) foi incorporado à língua portuguesa pelo seu texto sobre as dez versões de uma mesma paisagem.

A contribuição a uma perspectiva marxista da geografia cultural levou à tradução do texto de Williams (2002) sobre base e superestrutura, assim como ao polêmico artigo de Mitchell (1999), seguido das réplicas de Cosgrove, Duncans e Jackson e da tréplica do próprio Mitchell.

A geografia francesa, de forte influência na geografia brasileira, teve traduzidos, entre outros, textos de Sorre (2002), sobre os “genres de vie”, Gallais (2002), a respeito do “espace vécu” nos países tropicais, de Bonnemaision (2002), sobre o conceito de território, assim como pequenos textos extraídos do debate, publicado em 1981, na revista *L’Espace Géographique*. Paul Claval, fundador do periódico *Géographie et Cultures*, tem exercido forte e fértil influência na geografia cultural brasileira. Além de seu *Géographie Culturelle*, traduzido e publicado pela EDUSC (CLAVAL, 1999b), tem em língua portuguesa uma avaliação da geografia cultural brasileira (CLAVAL, 1999a) e dois outros textos sobre a natureza da geografia cultural (CLAVAL, 2002) e sobre a contribuição da geografia francesa à geografia cultural (CLAVAL, 2003).

Os textos acima indicados estão sobretudo na série de livros *Geografia Cultural* (CORRÊA; ROSENDAHL, 1998, 2000a, 2000b, 2002 e 2003).

### **A produção brasileira: uma seleção**

Parcialmente influenciada pelas traduções, mas dotada de forte criatividade, a produção brasileira em geografia cultural tem crescido muito a partir da década de 1990. Paisagem cultural, percepção e significados, religião como uma construção cultural, espaço geográfico e literatura, cinema e espaço de festas populares, tanto o carnaval do Rio de Janeiro como festas de origem rural, território, imaginário e identidade, são alguns dos temas abordados e publicados quer na revista *Espaço e Cultura*, quer em outros periódicos e anais de Congresso, quer ainda na série *Geografia Cultural* (ROSENDAHL; CORRÊA, 1999, 2001a, 2001b, 2001c).

Pela importância que apresentam foram destacados os textos sobre religião e espaço de Rosendahl (1996, 1997, 1999), de Haesbaert (1997), Monteiro (2002) e Almeida e Ratts (2003).

Espaço e religião têm em Rosendahl uma grande ênfase. A partir das idéias de Mircea Eliade, o sagrado e o profano têm sido vistos numa perspectiva geográfica. A autora propõe inicialmente (ROSENDAHL, 1996) os temas (a) fé, espaço e tempo: difusão e área de abrangência; (b) os centros da convergência e

irradiação; (c) religião, território e territorialidade; e (d) espaço e lugar sagrado: percepção, vivência e simbolismo. Esses temas foram posteriormente ampliados e agrupados em três dimensões de análise, econômica, política e do lugar (ROSENDAHL, 2003). As hierópolis têm sido também um foco de interesse da autora (ROSENDAHL, 1999), que analisou centros de peregrinação na periferia da metrópole do Rio de Janeiro, no Nordeste e na região Centro-Oeste. Seus interesses estendem-se a centros religiosos latino-americanos e europeus.

A contribuição de Haesbaert (1997) situa-se na confluência da geografia cultural e geografia regional. Ao Oeste do Estado da Bahia analisa e interpreta as profundas transformações regionais envolvendo mudanças econômicas, sociais, políticas e culturais, com a substituição da cultura tradicional do Nordeste, associada à pecuária extensiva, por uma cultura moderna, de imigrantes oriundos do Sul do Brasil e associada à agricultura especulativa da soja. A paisagem cultural é transformada radicalmente.

Espaço geográfico e literatura constitui-se em tema que nos últimos 30 anos tem atraído o crescente interesse dos geógrafos. Douglas Pocock e Marc Brosseau, entre outros, têm grandes contribuições a respeito. No Brasil, onde o interesse pela temática tem as origens no começo dos anos 90, destaca-se o livro de Monteiro (2002) *O mapa e a trama*. Geógrafo oriundo da climatologia, área na qual tornou-se um expoente, interessou-se recentemente pela geografia cultural, particularmente pelas relações entre espaço e literatura.

Em seu livro romances de seis consagrados autores brasileiros são geograficamente interpretados. Três – Machado de Assis, Aluísio Azevedo e Lima Barreto – retratam, cada um a seu modo, a cidade do Rio de Janeiro do século XIX, quando a cidade passa por grandes transformações socioespaciais. Os três outros autores – Graça Aranha, Graciliano Ramos e Guimarães Rosa –, do século XX, retratam o mundo rural, seja a colonização alemã no estado do Espírito Santo, o drama da seca no Sertão do Nordeste e a vida na região do cerrado em Minas Gerais.

*O mapa e a trama* representa um esforço ampliado e sistemático de fortalecer a geografia cultural por meio da interpretação geográfica de textos literários. Artigos, dissertações de mestrado e teses de doutorado também contribuíram para o avanço da geografia cultural, mas ainda há muito a ser feito. Afinal a heterogeneidade cultural do Brasil suscitou, de um lado, uma rica literatura de cunho urbano e regional e, de outro, uma rica produção geográfica. O diálogo entre ambos, como sugere Brosseau (1996) está apenas iniciado no Brasil.

“Geografia e Leituras Culturais”, coletânea organizada por Almeida e Ratts (2003), constitui-se em outra significativa expressão da produção brasileira em geografia cultural. Reúne doze textos de geógrafos, dos quais dez são brasileiros. O conjunto de textos revela uma visão ampla do que se entende por cultura e geografia cultural. A influência francesa, cuja matriz reside na Escola Vidaliana e é mantida graças à forte e fértil influência de Paul Claval, está presente na maior parte dos textos. A influência da Escola de Berkeley e da denominada nova geografia cultural é praticamente nula, refletindo, sem dúvida, a matriz francesa na formação dos geógrafos brasileiros, iniciada com a criação do primeiro departamento de geografia (e história) em 1934 na Universidade de São Paulo.

Os textos incluem uma variedade de temas, paisagem cultural, percepção e imaginário, território indígenas e de ex-escravos (quilombos), sistema de cidades, cemitérios, festa popular e cartografia cultural. Agricultores, ciganos, índios e cidadãos de diferentes classes sociais são os atores sociais que os textos abordam. O presente, por sua vez, entendido como uma seção atual do tempo, dotado de longa espessura, é privilegiado nos textos da coletânea organizada por Almeida e Ratts. A região Nordeste, em cujas universidades lecionam grande parte dos autores, é o foco principal de interesse. Regiões como a Amazônica e o Sul estão ausentes da coletânea.

A despeito de muitos dos doze artigos não revelarem uma explícita base teórica, caracterizando-se como descrições ou interpretações superficiais, trata-se de um grande esforço que representa um grande passo no processo de construção de uma sólida e rica geografia cultural brasileira.

Os geógrafos brasileiros iniciaram apreciação da obra de expoentes da geografia cultural e humanista. Sauer, Schluter, Tuan, Dardel e Berque já foram apreciados (ver ROSENDAHL; CORRÊA 2001a).

### **Perspectivas para a pesquisa**

Com uma superfície de 8,5 milhões de Km<sup>2</sup> e uma população superior a 170 milhões de habitantes, a geografia cultural tem muito mais a fazer do que já foi feito. Especialmente porque rápidos e intensos processos de transformação econômica, social e cultural alteram a distribuição espacial da população, valores, hábitos e crenças, a paisagem cultural e os significados atribuídos à natureza e às formas socialmente produzidas. E ainda há áreas a serem efetivamente povoadas. País industrializado e urbanizado, com moderna atividade agropecuária e áreas de fronteira de povoamento, o Brasil oferece contrastes que incluem desde a região metropolitana de São Paulo, com 18 milhões de habitantes, até selvagens vales da bacia amazônica, áreas de colonização alemã e áreas de decadentes plantações canavieiras, entre outras. Envolve ainda áreas com fortes conflitos pela terra.

As perspectivas para a pesquisa em geografia cultural são imensas.

Admite-se que pesquisas empíricas em um contexto policultural como o Brasil pode alimentar novos conceitos e ampliar a base teórica da geografia cultural. Hipotetiza-se, a partir da produção brasileira em geografia cultural, que conceitos como regiões culturais emergentes, regiões culturais residuais, paisagem poligenética e simulacros espaços-temporais (disneyfication) possam ser enriquecidos a partir do Brasil, país de contrastes culturais e de forte dinamismo espacial.

### **Referências**

- ALMEIDA, M. G. e RATTI, A. J. P. (orgs.). **Geografia e leituras culturais**. Goiânia: Editora Alternativa, 2003.
- BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Geografia Cultural: um século (3)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.
- BROSSEAU, M. **Des Romans – Géographes**. Paris: L'Harmattan, 1996.
- CLAVAL, P. Reflexões sobre a Geografia Cultural no Brasil. **Espaço e Cultura**, nº. 8., 1999a.
- \_\_\_\_\_. **Geografia Cultural**. Florianópolis: EDUSC, 1999b.
- \_\_\_\_\_. Campo e perspectiva da Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Geografia Cultural: um século (3)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.
- \_\_\_\_\_. A contribuição francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na Geografia. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (orgs.) **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Geografia Cultural: um século (1)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Geografia Cultural: um século (2)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Geografia Cultural : um século (3)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- COSGROVE, D. Em direção a uma Geografia Cultural radical: problemas da teoria. **Espaço e Cultura**, 5, 1997.

- \_\_\_\_\_. A Geografia está em toda parte. Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- COSGROVE, D. Mundos de significados. Geografia Cultural e imaginação. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Geografia Cultural: um Século (2)**. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2000.
- COSGROVE, D. e JACKSON, P. Novos rumos da Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Geografia Cultural : um século (2)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000.
- DUNCAN, J. Após a Guerra Civil: reconstruindo a Geografia Cultural como heterotopia. In: **Geografia Cultural: um século (2)**. CORRÊA, R. L. ROSENDAHL, Z. (ORGS.). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000.
- DUNCAN, J. O supraorgânico na Geografia Cultural americana. **Espaço e Cultura**, 13, 2002.
- GALLAIS, J. Alguns aspectos do espaço vivido nas civilizações do mundo tropical. In: **Geografia Cultural: um século (3)**. CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (ORGS.) Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.
- HAESBAERT, R. **Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste**. Niterói: EDUFF, 1997.
- MEINIG, D. O olho que observa. Dez versões da mesma cena. **Espaço e Cultura**, 13, 2002.
- MITCHELL, D. Não exista aquilo que chamamos de cultura. **Espaço e Cultura**, 8, 1999.
- MONTEIRO, C. A. F. **O mapa e a trama**. Florianópolis: EDUSC, 2002.
- ROSENDAHL, Z. **Espaço e religião** – uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.
- \_\_\_\_\_. O Sagrado e o espaço. In: CASTRO, I. F. e GOMES, P. C. C. e CORRÊA, R. L. (orgs.). **Explorações geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- ROSENDAHL, Z. **Hierópolis** – O Sagrado e o Urbano. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.
- ROSENDAHL, Z; CORRÊA, R. L. (orgs.) **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001a.
- \_\_\_\_\_. **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001b.
- \_\_\_\_\_. **Religião, Identidade e Território**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001c.
- SAUER, C. O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- SAUER, C. O. Desenvolvimentos recentes em Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Geografia Cultural: um século (1)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000a.
- SAUER, C. O. Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Geografia Cultural: um século (1)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000b.
- SORRE, M. A noção de gênero de vida e seu valor atual. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Geografia Cultural: um século (3)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002
- WAGNER, P. E MIKESELL, M. Temas da Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Geografia Cultural: um século (1)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000.
- WILLIAMS, R. Base e estrutura na teoria cultural marxista. **Espaço e Cultura**, 14, 2002..

Recebido em maio de 2005

Aceito em agosto de 2005